



História, Relatos, Representações

UMA LEITURA CULTURAL DO BRASIL EM GILBERTO FREYRE¹

A cultural reading the work of Brazil's Gilberto Freyre
Una lectura cultural de lo Brasil en la obra de Gilberto Freyre

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler²
Edelu Kawahala³

2. Doutorando
Programa de Pós-
graduação em
Psicologia - UFSC

3. Doutoranda
Programa de Pós-
graduação em
Literatura - UFSC



VIVAR Y SOLER, R. D.; KAWAHALA, E. Uma leitura cultural do Brasil em Gilberto Freyre¹. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 02, Mai-Ago. p. 123-131, 2012.

Resumo

Qual o sentido histórico da invenção do Brasil por parte de Gilberto Freyre? Tal pergunta ressoa pelo texto “Gilberto Freire e a invenção do Brasil” de Roberto Cavalcanti de Albuquerque, apresentando uma categoria de análise inaugurada pelo “mestre de apipucos” no que diz respeito ao conjunto de imagens socialmente construídas da nossa sociedade ao longo de sua trajetória intelectual. Nessa invenção do Brasil o que está em jogo são os constantes desdobramentos circunscritos em diversas percepções e interpretações, nas quais os objetos de análise são pacientemente traduzidos, organizados e atualizados em um trabalho que assemelha-se ao perspectivismo cinzento da genealogia.

Palavras-chave

Gilberto Freyre; cultura; trajetória intelectual.

Abstract

What is the historical meaning of the invention of Brazil by Gilberto Freyre? This question resonates throughout Roberto Cavalcanti de Albuquerque's text “Gilberto Freire and the invention of Brazil”, presenting an analysis category inaugurated by the “master of Apipucos” regarding the set of socially constructed images of our society along his intellectual career. In this invention of Brazil what

¹ Ensaio baseado na obra Roberto Cavalcanti de Albuquerque. *Gilberto Freyre e a invenção do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 126

is at stake are the constant developments circumscribed in various perceptions and interpretations, in which the objects of analysis are patiently translated, organized and updated in a work that resembles the gray perspectivism in genealogy.

Keywords

Gilberto Freyre; culture.

Resúmen

¿Cuál es el significado histórico de la invención de Brasil por Gilberto Freyre? Esta pregunta resuena con el texto “Gilberto Freire y la invención de Brasil” de Roberto Cavalcanti de Albuquerque, la presentación de una categoría de análisis inaugurada por los “mestres de Apipucos” respecto al conjunto de imágenes socialmente construidas de nuestra sociedad a lo largo de su carrera intelectual. En esta invención de Brasil lo que está en juego son los desarrollos constantes circunscritos en diversas percepciones e interpretaciones, en el que los objetos de análisis son traducidos pacientemente, organizados y actualizados en un trabajo que se asemeja a la genealogía y su perspectivismo gris.

Palabras clave

Gilberto Freyre, cultura.

Introdução

Qual o sentido histórico da invenção do Brasil por parte de Gilberto Freyre? Tal pergunta ressoa pelo texto de Albuquerque, apresentando uma categoria de análise inaugurada pelo “mestre de apipucos” no que diz respeito ao conjunto de imagens socialmente construídas da nossa sociedade ao longo de sua trajetória intelectual. Nessa invenção do Brasil o que está em jogo são os constantes desdobramentos circunscritos em diversas percepções e interpretações, nas quais os objetos de análise são pacientemente traduzidos, organizados e atualizados em um trabalho que assemelha-se ao perspectivismo cinzento da genealogia. Nesse sentido, a palavra invenção pode ser correlacionada com o termo investigação, uma vez que Freyre procurou analisar como se deu a construção da realidade brasileira estudando o nosso passado “tocando em nervos”, ou seja, narrando cada aconteci-

mento a partir de diferentes aspectos culturais, sociais, lingüísticos, políticos e religiosos sob o signo da formação em terras tropicais de uma civilização tipicamente rural e patriarcal.

Os escritos analisados por Albuquerque (2001) se referem aos três principais livros de Gilberto Freyre que possuem como tema central a formação, ou melhor, a introdução da constituição da sociedade brasileira, sendo eles *Casa-Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* (FREYRE, 2004a, 2004b e 2004c). Enquanto que *Casa-Grande e Senzala* (FREYRE, 2004a), examina a formação da família brasileira sob o regime patriarcal, *Sobrados e Mucambos* (FREYRE, 2004b), analisa a decadência do patriarcado rural e a ascensão do urbanismo, por fim, *Ordem e Progresso* (FREYRE, 2004c), aborda o processo de desintegração da sociedade patriarcal na transição da Monarquia para a República. Há que se ressaltar que esses três livros, são provenientes da dissertação de Mestrado obtida na Columbia University na década de 20 e cujo título é: *Social Life in Brazil in the Middle in the Nineteenth Century*. Nesse texto, já aparecem questões que serão apuradas com maior riqueza de detalhes posteriormente. Entretanto, um dos maiores méritos desse ensaio corresponde à metodologia empregada por Freyre, pois segundo Albuquerque (2001), questões minuciosamente estudadas por Freyre nasceram de histórias narradas por sua avó, Maria Raymunda da Rocha Wanderley ainda na sua infância e tempo de mocidade. Esse texto marca também a tentativa ensaística de Freyre em deslocar-se dos grandes acontecimentos históricos, em nome da construção de uma analítica sobre os diferentes aspectos da vida cotidiana do Brasil num processo transitório crítico no qual o regime absolutista da Monarquia dava lugar a um governo republicano formado basicamente por militares e que trazia consigo uma intensa contradição de classes divididas entre uma pequena elite branca e abastada e uma imensa maioria de mestiços e negros pobres.

Esse interesse de Gilberto Freyre pela *new history*, segundo Albuquerque (2001) é retomado pelo autor em *Casa-Grande e Senzala*, com intensidade, uma vez que, nesse livro, ele aborda no que se refere a sua transversalidade, uma história da vida íntima do brasileiro. Ali há espaço para o estudo das práticas sexuais, sobre o sincretismo religioso, sobre os hábitos alimentares, sobre o processo de entrecruzamento e aclimação das raças, enfim, uma história escrita nos rodapés dos grandes acontecimentos.

Contemporaneamente, talvez não soe estranho o fato dos estudos an-

tropológicos, ou sociológicos focalizarem nos seus campos de análises aspectos do cotidiano, mas certamente na década de 30 escrever livros percorrendo os hábitos cotidianos das famílias nordestinas, por exemplo, a partir das relações por elas estabelecidas com a cultura do açúcar, inevitavelmente, infere a inovação metodológica dos estudos gilbertianos. Na opinião de Albuquerque (2001), Freyre seria um autor que flerta com os saberes e, nesse sentido, tanto a objetividade científica quanto a veia poética e a prosa literária, possuem os seus valores enquanto verdades nos conjuntos de discursividades presentes em seus textos. Há que se ressaltar nos estudos gilbertianos, as ressonâncias da produção de escritor que desenvolvidas pelas mais variadas perspectivas, o que nos leva a sugerir que a função-autor em Gilberto Freyre passa pela multiplicidade na qual é possível, ao leitor, percorrer os diversos caminhos da condição de análise sem se deixar levar pelas armadilhas e pelos dispositivos disciplinares presentes no conjunto das ciências humanas e sociais.

O que queremos afirmar é que pode-se percorrer nos seus trabalhos os rumos de um sociologia das macro-estruturas, sem relegar ao segundo plano os aspectos históricos, culturais e literários. Pode-se também realizar-se uma leitura longitudinal sem, no entanto, desprezar as margens, aquilo que também está presente, embora de maneira tímida. Uma leitura em torno do texto gilbertiano passa necessariamente pelos sucessivos recortes interpretativos. Sendo assim, seguindo as orientações de Foucault (1979), de que o conhecimento existe não para ser compreendido na sua totalidade, mas sim cortado, atravessado, a questão mais relevante, a nosso ver, seria a de pensar determinado tema gilbertiano tomando-o como um mosaico no qual as peças são minuciosamente inspecionadas de modo diacrônico e através de um processo de bricolagem.

Um desses artefatos conceituais presentes ao longo do texto de Albuquerque (2001), se refere à concepção gilbertiana de tempo, cujo movimento de atuação se dá na mediação e dialogicidade entre o interprete e o texto. Ou seja, o que esta afirmação sugere é que a maneira de se pensar certos aspectos oriundos de um processo de acoplagem entre o elemento autobiográfico e os aspectos antropológicos, passam pela complementação entre aquele que lê um determinado texto e os aspectos culturais presentes no conjunto de cada análise. Existira, portanto, em Gilberto Freyre a presença de um *tempo híbrido* no qual o autor ao escrever se projeta e se mistura nas suas próprias criações. Nesse sentido, o tempo não é somente um elemento cronológico que liga har-

moniosamente o passado ao presente, mas sim um complexo dispositivo cultural no qual a realidade alterna-se constantemente.

Outro elemento interessante seria o de pensar Freyre como um intérprete dos acontecimentos históricos, mas que não ocupa com eles um papel passivo de contemplação; antes mergulha nesses acontecimentos fazendo emergir novas argumentações sustentadas em diversas teses que procuram ressignificar os aspectos negligenciados anteriormente. Esse tempo seria uma construção social, e quando Freyre revisita o passado, isso não quer dizer que ele tenha por objetivo lembrar o que só pode ser acessado graças ao esforço psicológico presente na memória do narrador. Na realidade, o passado é experienciado como se houvesse um comprometimento intelectual de Freyre em relação a personagens e perspectivas. Se Freyre recorre ao passado é para desenvolver o que Albuquerque (2001), chama de *função autor-cumplíce* tendo em vista que investigar o passado é sinônimo de problematização do tempo presente.

Esse movimento é o trabalho de atualização e de diagnóstico da história se faz presente em seu livro mais precioso *Casa Grande e Senzala*. Logo no prefácio Freyre (2004a, p.31) trata de diferenciar as noções de raça e cultura, bem como a diferenciação entre o que seria efeito de herança genética e o que seria produto cultural e social

É dos problemas brasileiros nenhum que me inquietasse tanto quanto o da miscigenação. Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos descendo não me lembro se de São Paulo ou de Minas Gerais pela neve mole do Brooklin. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: “the fearfully mongrel aspect of most of the population”. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes.

Essa passagem, acima destacada é reveladora justamente porque marca

a posição crítica, por parte de Freyre com relação a um tema tão polêmico no Brasil do início do século XX. Em outras palavras o questionamento de Freyre é este: a miscigenação, característica singular no Brasil em relação a outros territórios, seria a grande responsável pelo nosso atraso social e econômico? A resposta de Gilberto Freyre é negativa, uma vez que segundo ele, o que houve, foi o desenvolvimento de um processo deficitário que se abateu sobre a constituição fisiológica da população.

Freyre (2004) parte do pressuposto de que a miscigenação teria sido uma das características mais potentes da colonização portuguesa nos trópicos, dada a capacidade intrínseca do colonizador em “contemporizar-se” com as outras culturas. Para Freyre (2004), o mesmo português que transportou em condições precárias para o Brasil milhares de escravos, foi também o que estabeleceu a mais estreita relação híbrida com os povos colonizados. Em grande parte, essa lassidão do convívio social aconteceu pela necessidade de se constituir uma população mestiça capaz de povoar um amplo território, como é o caso do Brasil. Essa manifestação e desejo do colonizador para com os povos indígenas e negro, diz respeito, sobretudo, ao cruzamento sexual preponderante em um movimento de plasticidade social e de miscigenação mais intensa do que outras colônias espalhadas pela América.

Embora demonstre o quanto essas relações produziram uma miscigenação positiva para a formação da cultura brasileira, Freyre (2004) negligencia as tensões raciais presentes na escravidão, conforme argumenta Tadei:

A posição assumida por Gilberto Freyre acerca do papel que a miscigenação étnica representou para a colonização portuguesa no Brasil contribuiu para encobrir sua real significação. Gilberto Freyre foi responsável pela divulgação da idéia de ‘democracia racial’. [...] Podemos dizer que Gilberto Freyre contribuiu para a naturalização da mestiçagem, ao atribuir sua origem a um fator constitucional que poderia, segundo ele, ser facilmente demonstrado em relação ao colonizador português. (TADEI, 2007, p. 3)

Freyre em *Casa Grande e Senzala* (2004) articula a construção de uma brasilidade mestiça orientada para a desvalorização dos aspectos raciais, principalmente o indígena e o negro. Seu estilo discursivo e narrativo, por vezes

encantador, acaba muitas vezes contribuindo para uma desvalorização desses povos configurados como “outros” para o colonizador. Essa desvalorização é acentuada, sobretudo nas relações sexuais, que quase sempre envolvem a violência e o sadismo como modelo de conduta adotado pelo homem branco em relação às mulheres negras e indígenas.

A forma como Gilberto Freyre aborda a miscigenação, sobretudo em *Casa Grande e Senzala* (2004) constitui a base do pensamento Lusotropicalista, que embora não explicitado nos primeiros trabalhos do autor, possui já nestas obras a sua gênese embrionária, ao abordar a especificidade do colonialismo português, porém somente mais tarde com a publicação de *O Mundo que o Português Criou* (2010a), onde ele defende o surgimento de um novo padrão de civilização nas áreas de colonização Portuguesa. Há que se ressaltar a sistematização da teoria lusotropicalista na série de conferências realizadas por Freyre em Portugal e na África no início da década de 1950 as quais foram recolhidas em *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* (1953) e o acabamento dessa epistemologia histórica com a publicação de *O Luso e o Trópicos* (2010b), conceito este que tem sido alvo de críticas, sobretudo por conta da sua relação político-ideológico com o fascismo-colonialismo português durante o período salazarista, iniciado em 1933, até o final do regime fascista em Portugal que se deu no ano de 1974.

Polêmicas à parte há que se salientar a importância do deslocamento da noção de raça para a noção de cultura, o que sem sombra de dúvida, se evidencia no diálogo aberto com a antropologia social americana, sobretudo, os estudos de Franz Boas. Nesse sentido, os estudos antropológicos de influência da antropologia social americana, auxiliaram Gilberto Freyre a conferir ao índio, ao negro, e, principalmente, ao mestiço o seu justo valor na constituição cultural do Brasil. Ao descontextualizar os efeitos de teorias eminentemente racistas para inserir o campo de análise nos efeitos dos artefatos culturais na má-constituição desse povo nos trópicos. Freyre argumenta que as condições econômicas e sociais desfavoráveis são mais graves do que qualquer herança genética.

Podemos concluir que se a cultura é o elemento potencializador no contexto analítico de Gilberto Freyre, o mais interessante nessa invenção do Brasil é a possibilidade de se verificar sua produção a partir de uma multiplicidade de agentes que percorrem diferentes contextos. Ou seja, todo o panorama crítico presente nesse inventário, que é a formação da sociedade patriarcal brasileira

nas diferentes nuances do que aqui poder-se-ia chamar *culturalização* como efeito singular da colonização dos trópicos. Uma efervescência que conheceu, por um lado, os aspectos mais canhestros, sombrios e desprezíveis, mas também reconheceu na confraternização entre os três povos, uma profusão que se reflete na noção de equilíbrio de antagonismos.

REFERÊNCIAS

Gilberto Freyre. *Um brasileiro em terras portuguesas*. (Rio de Janeiro: José Olympio, 1953).

_____. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. (29ª Ed. São Paulo: Global, 2004a).

_____. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. (10ª Ed. São Paulo: Global, 2004b).

_____. *Ordem e Progresso*. (4ª Ed. São Paulo: Global, 2004c).

_____. *O mundo que o português criou*. (São Paulo: Ed. E Realizações, 2010).

_____. *O luso e o trópico*. (São Paulo: Ed. E Realizações, 2010b).

Michel Foucault. “Nietzsche, a Genealogia, a História”. In: Michel Foucault. *Microfísica do Poder*. (Rio de Janeiro: Graal, 1979).

Ricardo Cavalcanti de Albuquerque. *Gilberto Freyre e a invenção do Brasil*. (Rio de Janeiro: José Olympio, 2001).

Recebido em: 18 de Junho de 2012.

Aprovado em: 14 de Agosto de 2012.